

# WAR OF THE WORLDS / 1953

(*A Guerra dos Mundos*)

um filme de Byron Haskin

**Realização:** Byron Haskin / **Argumento:** Barré Lyndon, segundo romance de H.G. Wells / **Fotografia:** George Barnes / **Direcção Artística:** Albert Nozaki e Hal Pereira / **Som:** Barry Lindgren / **Painting Mattes:** Chesley Bonstell / **Efeitos Especiais:** Gordon Jennings / **Montagem:** Everett Douglas / **Música:** Leith Stevens / **Intérpretes:** Gene Barry (Dr. Clayton Forrester), Ann Robinson (Sylvia), Les Tremayne (General Mann) Lewis Martin (Pastor Collins), Robert Cornthwaite (Dr. Pryor), Sandro Giglio (Dr. Bilderbeck), Bil Phipps (Wash Perry).

**Produção:** Paramount / **Produtor:** George Pal / **Cópia:** dcp, Technicolor, legendada electronicamente em português, 85 minutos / **Estreia em Portugal:** Cinema Capitólio, em 10 de Outubro de 1953.

---

**War of the Worlds** é o segundo painel de uma trilogia iniciada com **Destination Moon** e prosseguida com **When Worlds Collide**. E, se só refiro estes três, é porque eles constituem uma "ampla frente" de lançamento do género nos USA, reflectindo uma estrutura de produção semelhante e uma comum estratégia que tem nos efeitos especiais o seu *pivot*. **War of the Worlds** e **When Worlds Collide** partilham ainda um outro parentesco. Ambos faziam parte de um pacote da Paramount, adquirido antes dos anos 30, projectado como eventual veículo para a mestria de Cecil B DeMille, e de que houve adiantados *scripts*, que nunca chegaram a ser filmados.

Vejam os. **War of the Worlds**, adaptação da novela homónima de H.G. Wells, teve a sua génese num *script* preparado por Roy Pomeroy para a Paramount. Corria o ano de 1925 e o argumentista sublinhava a carga épica propícia a DeMille. Quem o chegou a ler não tem dúvidas em afirmar que não se perdeu grande coisa, tão rocambolesca era a intriga, a começar na cena inicial, uma festa onde uma jovem milionária é cortejada por um pacifista paradoxalmente investido no cargo de Secretário da Defesa dos USA, *flirt* que a queda dum suposto meteorito vem interromper... muito embora *flirts* interrompidos pela queda de meteoritos seja uma viva realidade do nosso tempo.

O projecto hibernou durante quase trinta anos. Aliás, a Paramount "adormeceu" o género guardando na gaveta entre outras coisas os direitos da obra de Wells, o que impediu, por exemplo, Hitchcock de filmar, depois de contacto com aquele autor, uma das suas novelas. Também não se poderá perdoar à Paramount que tenha deixado afundar-se um projecto de "fc" entregue a Eisenstein, quando o vanguardista cineasta soviético estava sob contrato com aquele estúdio. Por certo, com filmes de Hitchcock e Eisenstein o cinema de "fc" dos anos 30 teria sido diferente, evitando-se que se comesse gato por lebre e que o pálido **Things to Come** passasse por um grande filme e um dos marcos do género, e já estou, com toda a certeza a esticar-me, não sendo isso o que aqui a Cinemateca me pede.

Nos anos 50, o género deu o pulo que se sabe. Um autêntico salto de fé. Depois de **Destination Moon** e de ter convencido a Paramount a entregar-lhe **When Worlds Collide**, George Pal voltou à carga produzindo outro dos antigos projectos da Paramount, tanto mais que, embora quinze anos passados, ninguém se esquecia da "bomba" que fora a emissão radiofónica da Guerra dos Mundos

de Orson Welles. Associando elementos da novela e daquela emissão, Pal mudou a acção para a Califórnia e transferiu-a do século XIX para 1953, de modo a poupar dinheiro e aumentar a verosimilhança. Embora quisesse no mais manter-se fiel a H.G. Wells, o obstinado representante da Paramount, contra a vontade de Pal, substituiu o marido que desespera à procura da sua mulher pelo *boy meets girl* como fulcro da narrativa.

Mas **War of the Worlds** só parcialmente é lesado por essas alterações de pormenor visto tratar-se antes de mais de um espantoso trabalho visual e de efeitos especiais, caução afinal para a tese que diz ser o cinema de "fc" um vasto laboratório, funcionando os efeitos especiais como seu denominador comum. Nos efeitos de **War of the Worlds** o papel especial vai para Gordon Douglas que fez aqui o seu último filme. Da animação à sobreimpressão utilizou todos os processos possíveis ao tempo e, ainda hoje, os raios da morte dos marcianos são um elemento visual apreciável. Das máquinas dos marcianos disse-se que eram maravilhosamente sinistras e consta que George Pal nunca se deu ao trabalho de ocultar os fios que as sustentam, não só para fazer sentir a pequenez do orçamento, como ainda para irritar "*Those benighted souls who enjoy pouncing on special effects errors*".

Uma palavra para Byron Haskin, o realizador. Fora de 27 a 47 operador e especialista de efeitos especiais. Só tardiamente criou raízes na realização, estreando-se com **Treasure Island** para Walt Disney. Naturalmente, a sua competência técnica permitiu-lhe um conveniente doseamento dos efeitos especiais que, limitados embora pelo orçamento, Haskin faz parecer espectaculares.

É a perfeição do entendimento entre Haskin e Douglas, ou seja a adequação entre realização e utilização dos efeitos, que passa uma esponja por um falhanço tão aparatoso como o da actriz principal, Anne Robinson, ou o menos aparatoso mas não menos falhado paralelo entre a agressão *alien* e a dimensão religiosa dos terrestres. Sem querer forçar muito, direi que mesmo esses falhanços são bem recuperados pelo tom não-prosaico, não-jornalístico do filme. Quem esteja, de resto, à espera de realismo, leva o maior baile da sua vida, tao incrível e descarada é a estética *kitsch*, a começar na tensão sobre-real produzida pelo binómio humor-fantástico, passando pelo fabuloso Technicolor, pelos cenários artificialíssimos, até ao herói de banda desenhada que Gene Barry celebra. Como disse John Baxter: "**War of the Worlds** has the smooth unreality of a comic strip".

**War of the Worlds** é um mimo de economia narrativa. Um prólogo, com a montagem dos diversos planetas e a voz-off de Cedric Hardwick (esteve para ser DeMille), situa o problema. A primeira parte vai da queda do meteorito até à mão do marciano sobre o ombro de Sylvia. A segunda, respondendo ao clímax que era essa cena, mostra a resposta dos humanos, culminando com o uso da bomba atómica. A terceira, cujo suspense está a um nível de emoção superior ao clímax da segunda parte, mostra a destruição de Los Angeles, resolvendo-se com a solução mística, único anti-clímax num filme que já não suportaria mais subidas de tensão. De economia narrativa estamos falados ao ver a cena em que se dá o *boy meets girl*, ou no prazer que a inteligência pode retirar da requintadíssima sequência do "*bombs don't unscrew*", chave de ouro cerrada pelo júbilo da tirada de um dos três homens que recebem os visitantes do espaço: "*Welcome to Califórnia*".

Com **Star Wars** na década de 70, **War of the Worlds** partilha o mérito de ter trabalhado com rara perspicácia a qualidade da banda sonora, misturando efeitos, música e diálogos de tal modo que com a guerra visual corre em paralelo uma outra, a guerra sonora. Nesse sentido se falou de **War of the Worlds** como uma cacofonia que responde à forte impressão de cores muito vivas, como o verde e o vermelho. Também por isso, ao lado de **The Thing from Another World**, de **The Incredible Shrinking Man**, e de **Invasion of the Body Snatchers**, **War of the Worlds** é um dos melhores filmes de "fc" dos *fifties*.